

PEDRO LYRA

Pedro Wladimir do Vale Lyra: Fortaleza, 28.01.1945.

Doutor em Letras pela UFRJ (1981), Professor de Poética da UFRJ e Visitante em Universidades de Portugal, Alemanha e França. Integrante do Conselho Editorial da *Revista Tempo Brasileiro*, colaborador do *Jornal do Brasil*, (1976-1985) *Revista Colóquio-Letras* de Lisboa e Coordenador da Coleção *Nossos Clássicos* da Editora Agir.

Sócio titular do PEN Clube do Brasil, seção do Rio de Janeiro.

DO AUTOR

POESIA

Sombras. Fortaleza, Ed. do Autor, 1967. Prêmios José Albano da Universidade Federal do Ceará e Poesia da Academia Cearense de Letras, 1968.

Doramor. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1969.

Poema-Postal. 1ª série: Fortaleza / Rio, 1970; 2ª série: João Pessoa, 1971; 3ª série: Rio, 1986; 4ª série: Lisboa, 1987; 5ª série: Paris, 1989.

Decisão. Poemas dialéticos. 1. ed.: Rio, Tempo Brasileiro, 1983; 2. ed.: 1985.

Desafio. Uma poética do amor. Rio, Tempo Brasileiro, 1991.

Contágio. Poesia do desejo. Rio, Tempo Brasileiro, 1993.

CRÍTICA

Poesia cearense e realidade atual. 1. ed.: Petrópolis/Fortaleza, Vozes/Unifor, 1975; 2. ed.: Rio, Cátedra/INL, 1981.

O real no poético - Rio, Cátedra/INL, 1980.

O dilema ideológico de Camões e Pessoa. Rio, Philobiblion, 1985.

O real no poético - II. Rio, Cátedra/INL, 1986. Prêmio de Ensaio da Associação Paulista de Críticos de Arte, 1987.

ENSAIO

- Utiludismo. A socialidade da arte.* 1. ed.: Rio, Tempo Brasileiro, 1976; 2. ed.: Rio/Fortaleza, José Olympio/UFC, 1982.
- Literatura e ideologia.* Petrópolis, Vozes, 1979; 2. ed.: Rio Tempo.
- Conceito de poesia.* São Paulo, Ática, 1986. 2 ed.: 1992. Brasileiro, 1993.
- Dialética da poesia.* A sair.

PARCERIA

- Sinantologia* Fortaleza, Imprensa Universitária, 1968.
- Perspectivas.* Rio, Faculdade de Letras/UFRJ, 1984.
- Os contrapontos da literatura.* Petrópolis, Vozes, 1984.
- Perspectivas - II.* Rio, Faculdade de Letras/UFRJ, 1985.
- Poesia sempre.* Rio, Tempo Brasileiro, 1985.
- Perspectivas - III.* Rio, Faculdade de Letras/UFRJ, 1988.

ORGANIZAÇÃO

- Vinicius de Moraes - Poesia.* Seleção, introdução e notas. Rio, Agir, 1983.
- Neide Archanjo - Poesia: 1964-84.* Seleção e prefácio. Rio. Guanabara, 1987.
- A poesia da geração-60.* Introdução e Antologia. A sair.

NO EXTERIOR

- Manifesto del Poema postal.* El Popular. Montevideu, 7.8.70.
- Ocho tesis del Poema-postal.* El Popular, Montevideu, 2.5.71.
- Pequena antologia da poesia brasileira.* Lisboa, Faculdade de Letras, 1986. Seleção com Vânia Chaves.
- Poema-postal.* 4ª série. Lisboa, 1987. Edição experimental.
- A poesia contemporânea no Brasil.* Lusorama nº 6. Mitteilungen der Sektion Portugal/Brasilien im Deutschen Spanischlehrerverband, Frankfurt, nov. 1987.
- Musa lusa.* Sonetos do amor. Lisboa, Limiar, 1988.
- Poema-postal.* 5ª série. Paris, 1989. Edição experimental.
- O poema e a letra de música.* In: Os estudos literários: (entre) ciência e hermenêutica. Lisboa. Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 1990.
- Poesia brasileira contemporânea: o saldo de vinte anos.* In: Aspetti e tendenze della letteratura brasiliana contemporanea. Letteratura d'America nº 34, Università "La Sapienza", Roma, 1990.

Die Rede des Privilegs (A fala do privilégio). In: SPERBER, Achim. *Brasilien - Land der Extreme*. Dortmund, Harenberg, 1990. Trad. Ingrid Schwamborn.

SOBRE O AUTOR

- BRASIL, Assis. *O livro de ouro da literatura brasileira*. Rio: Tecnoprint, 1980.
- COUTINHO, Afrânio dir. & COUTINHO Eduardo F.^{co} dir. *A literatura no Brasil*. 3 ed. Rio: José Olympio/UFC, 1986.
- COUTINHO, Afrânio & Sousa, J. Galante de. dir. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio: FAE, 1990.
- D'ALGE, Carlos. *O exílio imaginário*. Fortaleza: Ed. UFC, 1983.
- DANTAS, José Maria de Souza. *Literatura e teoria da comunicação*. In: 2º congresso brasileiro de língua e literatura. Rio: Gernasa, 1971.
- FORSTER MERLIN H. & JACKSON K. David. comp. *Vanguardism in Latin America literature*. (An annotated bibliographical guide.) New York, Greenwood Press, 1990.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Poesia jovem/Anos 70*. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- MATTOSO, Glauco. *O que é poesia marginal*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MELLO, Maria Amélia. org. *20 anos de resistência; alternativas da cultura no regime militar*. Rio: Espaço e Tempo, 1986.
- MICCOLIS, Leila. *Do poder ao poder*. Porto Alegre: Ed. Tchêl, 1987.
- PROENÇA FILHO, Domicio. *Estilos de época na literatura*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- PY FERNANDO. *Chão da Critica*. Rio: Francisco Alves, 1984.
- SÁ ÁLVARO de & MENDONÇA, Antônio Sérgio. *Poesia da vanguarda no Brasil*. Rio: Antares, 1983.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Estudos de poesia brasileira*. Coimbra: Almedina, 1985.

DIA A DIA

Este mundo é um paraíso, veja: cada demônio estrangula mil almas antes de sucumbir.
Consumidor ou contribuinte, concorrente ou trapaceiro,
o homem tem que vender seu sangue para continuar vivendo.

Necessidade humana é vez de investimento.
O bom ministro não pode soltar muito para não perder o posto.
As pessoas, às vezes, querem ajudar as pessoas
mas ficariam sem nada para comer no outro dia.

As serenas virtudes, teologais ou humanas,
se reduziram à sua exata expressão financeira.
Todos se dizem cristãos, mas o seu único deus
é o dinheiro com que pagam o direito de continuar mentindo.

Os mercados e as lojas, os armazéns e as feiras,
expõem nas vitrines a produção dos famintos.
E os jornais exibem, em vermelhas manchetes,
o lucro diário das fartas exposições.

O sexo, o prestígio, a crença, a liberdade
se disputam e se compram, como qualquer mercadoria.
Todos são bons, embora sobrevivam: apenas,
não há dinheiro para cumprir tanto mandamento.

O homem que cruza comigo, rasgando a multidão,
traz embrulhos nas mãos e terror no resto do ser.
Pode ser aquele que me aponte o caminho, pode.
Pode ser aquele que me matou ontem, pode.

As máquinas me penetram e me deformam por dentro
por saberem que eu quero continuar o que sou.
A dor assumiu a forma de passagem para o céu
e o amor não se pratica, porque é caro e perigoso.

Os exércitos se armam por todas as gerações
a agressão mais feroz disfarçando em defesa.
Bombas cospem dardos, tão suaves que não matam:
deixam vivo o morto, para usá-lo como fonte.

A guerra devora o que resta dos espíritos
e o governo decreta que o povo se sinta em paz.
A vida humana? Vale tanto quanto o dente
que apodrece na engrenagem: troca-se

Como animais - trabalhamos - como máquinas,
destruindo a juventude em deveres e angústias.
Alegria? Chega a velhice: do trabalho de uma vida
resta o cansaço, e um diploma de honra ao mérito.

Olhando o espaço, onde a luz corta a poeira,
eu prevejo meu mundo - preso de corpo e alma.
Agrido meu semelhante, chamo o governo de corrupto
para me levarem à cadeia e poder sentir-me livre.

Por este mundo, que deve ser a entrada para
o inferno.
passo
e atiro minha alma na mais próxima fogueira.

AS DUAS FACES

Olhe bem, cidadão, e veja
o mundo que construímos para seus filhos:

Absoluta tranquilidade nas ruas.
Nenhuma voz de discordância.
Todos num produtivo labor.

É paz, é ordem, é trabalho.
E motivo nenhum para insatisfação.

- Vejo:
paz, ordem, trabalho.

Seu mundo é seguro como um quartel
e a vida surgiu para o risco de vivê-la.

Nem as folhas das árvores balançam:
mas eu
sonho com um mundo de movimento equilibrado,
não com a anulação do movimento;

mesmo as pedras obedecem:
mas eu quero
um mundo onde os contrários se harmonizem,
não a eliminação dos contrários;

até as almas suam:
mas eu luto por um mundo
não apenas onde o homem realize atividades,
também onde as atividades realizem o homem.

Um mundo
de paz, de ordem, de trabalho.

(E LIBERDADE)

SOBREVIDA

Acordas. Às vezes, quando
o expediente ainda demora um pouco,
tomas um banho, e te sentes aliviado.
Abraças os filhos, que te pedem para ficar;
beijas a mulher, que te pede paciência; e vais
para o cumprimento diário do que chamas teu destino.

Às vezes, quando
o mercado não estica os teus músculos
(nem os de teus companheiros) almoças em casa;
quase sempre, porém, na própria oficina
temperado com poeira e óleo, suor e pressa.
Repetes, à tarde, o que fizeste
sem prazer durante toda a manhã.

À noite, tens o direito de escolher:
vais ao cassino ou ao palácio,
ao cardiologista,
à casa de um colega, de um ministro, de um banqueiro,
ou ao psicanalista.
Regularmente, levavas a mulher para a cama
e depois - porco saciado - dormes; ou então
ficas a sorver o veneno, que procura
nos convencer de que sempre foi assim e sempre será assim.

Enquanto isso, educavas a tua prole
que não terá veredas nos seus caminhos.

Pois bem:
chamas a isto - *viver?*
Tuas atividades de homem se reduzem a isto?
Sim - dirás, talvez - é o que fazem
todas as pessoas que conheço e que parecem comigo.
Nas férias, a coisa muda um pouco:
vou a um clube de campo
ou faço uma longa viagem. Mas
quando um memorando me avisa o fim do sonho,
já estou ansioso para escalar o batente.

Agora, ouve;
durante toda a vida, trabalhaste;
e só por isso não sabes fazer outra coisa.

sob uma lua virgem
- entre névoas -
sobre um leito de folhas
- entre nuvens -
o primeiro casal nos garantiu.

Por nós nos afirmamos, por nós mesmos
pois foi o sexo - o amor - quem nos gerou.

SONETO DE CONSOLAÇÃO - IX

Poeta

meu proteu
assume logo

tua parte de culpa em teu fracasso:

vocês divinizaram nosso corpo
vocês vulgarizaram nosso espírito
para nos reservarem

(só objeto)
e nos subjuguem

(não sujeito)
pois vulgar

- nem devia ousar um vôo
divino

- nem devia ser visado.

Vocês podiam se espojar no lixo:
- era o corpo do homem a lixeira.
Vocês mesmos podiam resgatá-lo:
- o espírito do homem era a luz.

E separando o que é inseparável
transformaram o amor no seu oposto.

LAVRAGEM - XXVII

No momento fatal da vida humana
caem as células

fecham-se os sentidos
estanca o coração

se apaga o cérebro

Acabam-se com isso as sensações
acaba o pensamento

- morre o espírito.

Mutável

a matéria continua

sua existência muda

indestrutível

por toda a eternidade do universo.

Mas não se pode amar só com a matéria

e agora estamos mesmo em solidão:

não mais anseios

glórias nem tormentos

nem descobertas ao raiar do outro.

Nada.

(Mas se o espírito não morre
o nosso amor também será eterno.)

LAVRAGEM - XXIX

Viver é real. Reviver é poético.

Em vez da tua boca

beijo a sombra

- fantasia colada à realidade

transfigurada

para além da hora.

No tecido abstrato das palavras

refaz a concretude dos teus beijos

- misto

de frustração e transcendência

lá d'onde a vida fora plenitude.

Agora

criado o ser que te recria

eu volto

não a ti

mas ao poema:

em vez da tua sombra
beijo os versos

- fantasia colada à fantasia
distante
por dois graus
da realidade
no entanto mais real do que o real.

SONETO DE AFIRMAÇÃO - XII

Incerto tudo
(sombras na montanha)
veio a praga do império.

No princípio
foi o império do ferro:
era de ferro
mas caiu
podre;
então veio o império
do ouro:
ainda assim
sendo de ouro
faliu
depauperado;
após, o império
do papel:
mesmo sendo de papel
rachou-se
branco.

Eles tombaram (todos)
não porque fossem secos frios duros
mas porque eram impérios
qu'isso baste.

E morra não apenas sua lembrança
idéia ou nome
- mas a sua hipótese.

E se tiver que vir um outro império
venha o do amor
(sol na planície).

E fique.

CONTÁGIO

Astros malditos,
forças brutas e irracionais da natureza,
simples instinto de conservação da espécie
ou cego anseio de realização do indivíduo,
- quem quer que seja a fonte
que faz acontecer

isto

que chamam do amor -

beleza do ser a amar, pavor do ser à solidão,
projeção de um eu num outro,
quem quer que seja, - olhai pra mim.
Olhai um instante pra mim.

Todos amam.

Todo ser que já passou na terra

- o' mais distraído pássaro, a mais egoísta fera -
quem quer que seja que tenha recebido um coração,
tudo, todos, ao menos uma vez, amaram.

Pode até não terem sido amados, mas amaram
e gozaram

na alma e na carne

esta coisa

que deve ser o delírio
do desdobraimento num outro.

Eu não.

E deve ser tão bom esse gosto de amar
que talvez até transcenda o de ser amado.

Não sei.

Eu nunca andei por essa estrada
e não conheço o que floresce às suas margens.

Por isso
fontes responsáveis pelo nascimento do amor
é que eu queria um pouco provar das vossas águas.
Até agora, simplesmente a praia e as palavras.

Nem peço para ser amado: só para amar. Quero
sentir essa loucura em que as pessoas se dizem mais lúcidas,
que faz os tímidos derrubaram impérios moralistas
e que faz com que o ser
doando o próprio eu
fique sendo mais si mesmo.

E se duplique.

Dai-me a chance do acaso necessário de amar,
astros malditos, que me negastes até hoje.
É de todos: portanto, minha também. E eu a quero.
Ninguém pode negar-me o meu direito à perdição.
Eu quero me atirar nessa fogueira onde, no fim, hei
de encontrar meu próprio fim. Quem sabe assim
me encontrarei.

Basta uma vez.
Melhor que seja apenas uma vez.
Só uma, para não ter que passar pela miséria
de perder
de esquecer

e de recomeçar.

E deslizar de novo, após, no mesmo abismo.
Não. Por melhor que seja, não quero uma segunda.
Não. Não é pelo receio de sofrer
mas para não ficar sem essa que me dita estas palavras
- essa, que não está aqui, e, no entanto, está.
Não aquela que parece tão rica, tão feliz e traz estrelas nos cabelos
porém esta que abre em suas mãos meu porto de ternura;
nos olhos, o rumo dos caminhos por onde nunca andei;
nos lábios, a poesia de um sorriso que canta como um beijo.
E em todo o seu ser, o espaço de revelação do meu.
Ela parece que sofre e sonha como eu.
Não. Talvez não sofra nem sonhe - mas é tão bela
que, com certeza, também há de querer amar.
Ou, pelo menos, ser amada. De um amor
assim - tão único e completo - que
parta do ser amante, toque o ser amado
e, ao contágio de sua plenitude, faça
do ser amado também um ser amante.

Astros malditos, como seria pleno o nosso encontro!

Ela disse que vinha e eu já me sinto com ela.
Ela ainda não chegou e eu já me sinto completo.
Sinto um gosto de prazer na boca só de dizer seu nome.

Narcisa

Narcisa

Narcisa

eu até diria que isto já é amar
se eu soubesse o que é amar.

O MOTIVO

Te amo?

Não sei.

Sei que quero estar contigo quando estou em paz;
quando estou em transe, também quero estar contigo.

(Se te quero na calma e na luta, deve ser porque te ame).

Quero estar contigo quando a chuva me congela desejos;
quando o sol me acende sonhos, também quero estar contigo.

(Se te quero no vazio e no pleno, deve ser porque te ame).

Quero estar contigo quando sofro a solidão começando a ferir;
quando a festa me oferece o mundo, também quero estar contigo.

(Se te quero na angústia e no prazer, deve ser porque te ame.)

Quero estar contigo quando a manhã traz uma música de vida;
quando a noite um silêncio de morte, também quero estar contigo.

(Se te quero na vida e na morte, deve ser porque te ame.)

Não sei. Não sei.

Mas, sobretudo, quero estar contigo quando quero estar comigo.
Como agora, e sempre, sempre, ainda, e mais e mais e mais.

(Contágio)